



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

DURANTE o passado Inverno, fizemos a limpeza das minas pelas quais corre a água que chega à nossa fonte, que chamamos de «bica da avenida». Foi preciso tirar muita terra, que as entupia, e arranjar os respectivos poços de visita, trabalho que foi feito por pessoal especializado.

Agora, em pleno Verão, a água jorra pela bica fartamente, apesar de as chuvas, a seu tempo, não terem sido abundantes.

Todos os habitantes da nossa Aldeia, quando a sede aperta, vamos amiúde beber à fonte, ou encher alguma vasilha que seja reserva para os momentos em que não podemos deslocar-nos lá.

Uma bica de água a correr, em permanência, é um cenário de beleza, de quietude e de paz para quem a contempla, mas, para quem a procura dominado pela sede, é essencialmente uma fonte de equilíbrio e de conforto.

Se é especialmente gratificante e saborosa a água bebida nesta última circunstância, não é menos apreciada quando por ela se encontra alguma paz de espírito. Porque se é bom encontrar conforto para o corpo, não é menos importante encontrá-lo para o espírito.

Por uma motivação ou por outra, é algum tipo de sede que se procura saciar quando nos aproximamos de uma

fonte. Como ela é importante, pois, para o caminhante da vida!

Nos tempos mais recentes, com a multiplicação da oferta que a nossa sociedade de mercado criou, dispersou-se a atenção das pessoas para muitas formas de saciar a sede humana, tanto física como espiritual. Para a primeira, surgiram formas por vezes muito requintadas, com forte cunho artificial; para a segunda, uma miscelânea de ofertas cada vez mais extravagantes e caras.

Também a sede da novidade, que é instintiva nos humanos, atrai para ambientes mais privados, também mais lucrativos, onde se reproduzem artificialmente os fenómenos que noutros lugares são naturais. Vejam-se as praias de interior que não são só para quem lá vive. E, para dar alimento ao espírito, oferecem-se lugares de fartura que, aparentemente dão segurança, satisfação e equilíbrio interior que, um ser instável, como somos nós, permanentemente carece.

Será que estas ofertas estarão a matar algumas sedes? Porque sofre a nossa sociedade de maior ansiedade? Não é esta o sinal da grande sofreguidão de que padece, provocada pela secura interior que não encontra fonte que a sacie?

Entre nós temos a mesa posta e a bica sempre a correr. Apesar disso, os atractivos também cá chegam, e nem sempre cairão em saco roto, podendo iludir algum. É o turbilhão da vida que procuramos cá amanse e se transforme em suave brisa. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Junto ao mar

A Caridade é um oceano imenso que tem a sua profundidade na Fé. Quem faz a experiência de ser amado por Deus, é chamado a amar o próximo. Jesus viveu a pobreza, desde a sua encarnação e proximidade, com um Amor entranhável com os últimos.

Ao olharmos bem para uma dúzia e meia de rapazitos, feli-

zes e bem acompanhados, junto ao Oceano Atlântico, a maioria deles foi trazida por tempestades de miséria da costa ocidental de África. Na hora do Sacrifício com eles, mergulhámos na bondade do Pastor que procura as ovelhas perdidas e a todas convida a *descansar um pouco*.

Por isso, o Pescador também se fez às marés, num barco com

os discípulos, em que todos têm lugar, e *partiu para o outro lado do mar da Galileia*. Para partir e repartir uma grande refeição por uma enorme multidão faminta, tocou André que viu um rapazito com o seu pobre alimento, na sacola — *cinco pães de cevada e dois peixes*.

Somos testemunhas de encontros com pessoas simples, desprezadas, que se abrem aos outros do pouco que têm. São os casos das pessoas do leite, do senhor da fruta, e até uma mulher confiante, cuja *promessa*, numa época alta em que abundam desvarios

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

PONHO em comunhão a carta da presidente da Conferência vicentina de uma paróquia do Centro do país, com quem o património reatou a sua colaboração.

Estes assuntos deveriam ser tratados pelos Pastores, mas, como mostram não se interessarem, quem não tem cão caça com gato, os pobres não podem perder, nós colaboramos com quem se dói deles.

Por me parecer certa a visão do problema e a finalidade do acto, entendi publicá-la no limiar deste Ano da Fé, que se posta perante os cristãos, iniciativa do Santo Padre.

A Fé, como dom, surge e mantém-se sempre como uma aparição na nuvem. Num nevoeiro, nunca na visão clara.

O Senhor Jesus, na sua passagem no meio dos homens, provocou muitas vezes a nuvem, com milagres a confirmar a sua Presença Divina. Do mesmo modo, os cristãos de hoje e sempre, devem desencadear o nevoeiro, com sinais que ninguém realiza, para comprovar a presença do Divino nas suas vidas.

E como? De muitas formas, mas sempre sem esquecer a «máxima» de Jesus: *Os pobres são evangelizados*.

Ninguém me leve a mal, que eu só pretendo o bem, mas é necessário que a celebração do Ano da Fé, não se limite a «chover no molhado» e se resume em conferências, retiros, peregrinações, e homilias com as mesmas pessoas a aplaudir, a gastar o seu tempo e dinheiro, ficando pior que antes.

«A habitação está pronta, gostaríamos que a visitasse e creia que o Património dos Pobres, constituiu um grande pilar na

sua execução.

Pode acreditar, custa-me imenso voltar a pedir, mas a grave situação de uma família muito carenciada, a isso me conduz.

Eis o drama moral e sócio-económico: — seis pessoas. Um homem de 65 anos, já alquebrado pelo trabalho árduo de muitas horas. Um quarto onde dormem juntos o pai e o filho de 12 anos; na sala, o filho mais velho, ainda jovem, reparte a cama com a companheira e, na mesma divisão, duas jovens raparigas de 17 e 13 anos. A separá-los, existe apenas um cordel, que segura dois trapos, que fingem esconder os quatro jovens.

O tecto está enegrecido pela água que nele se entranha.

Este cenário, entristeceu-nos tanto que pensamos em agarrar aquela frase imperativa que um dia me dirigiu: — Agarrem estas situações terríveis, agarrem os pobres!

Pois é, julgámos ser urgente acabar com esta desumanidade, estas pessoas precisam do empenho de alguém, já que a progenitora entregou friamente os filhos ao pai, desapareceu, partiu com outro homem para o estrangeiro, deixando dívidas que o ex-marido carrega sobre os ombros. O que se poderá dar a estes quatro jovens?

É nisso que pensamos, e por isso pretendemos acabar de construir uma dependência que se encontra erguida, mesmo contígua à pequena habitação.

É necessário colocar o telhado, distribuir o espaço por três quartos: um para o casalinho, outro para o jovem de 12 anos, outro para as duas jovens e uma casa de banho.

Continua na página 3

pagãos, veio com a sua ajuda discreta para a comida dos *meninos do Gaiato*. Outrora, na escola primária, escondia-se no recreio a comer um naco de broa tão fina, pois dela via os colegas...

O Profeta simpático não quer apenas encher a barriga de uma humanidade, em que há muitos injustiçados pela fome, mas lançar-nos numa missão hercúlea, que há-de ser vencida pela nossa intimidade com Ele — *o Pão da Vida*. Este alimento forte leva então, consigo, um compromisso sério e verdadeiro com os famintos. Há que recolher os bocados

que sobram e a que todos os filhos e filhas têm direito, *para que nada se perca*. O pão é sagrado!

As dificuldades deste tempo apelam à moderação dos costumes, na forma de viver; porém, parece-nos que há uma grande crise no *circo*. Estamos a assistir à decadência de uma mentalidade pós-moderna. Na época romana, só queriam comer e divertir-se.

Quando nos encontrámos, em Lisboa, com uma mulher angustiada, pois o companheiro a deixou com o seu filho, sem subsistência, vimos logo que era

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Zé Reis

BATATA — Os rapazes que ficaram em Casa mais os que regressaram do primeiro turno de férias, acabaram a apanha da batata na parte que faltava do campo perto da nossa estufa e iniciou a apanha de um outro campo que faltava. Antes, o Paulo «Mudo» teve que cortar a vasta rama que o campo tinha, o que demorou um pouco mais a apanha da batata, também devido à chuva que entretanto caiu.

PISCINA — Desde a abertura que os rapazes sentiram falta da prancha, ela tinha sido levada para restauro. Agora, já está novamente montada e regala os rapazes que adoram saltar dela para a água.

RAPAZES — Alguns rapazes, têm ido visitar a sua outra família; outros, têm regressado delas. Os nossos rapazes africanos têm andado entre o Porto e cá, para tratar da Residência.

O «Chico Pina» terminou o nono ano e encontra-se, agora, no décimo, no curso de Gestão Desportiva. As suas aulas começaram na segunda semana de Julho. Contudo, neste momento, encontra-se de férias e só regressará às aulas no início de Setembro. □

BENGUELA

Pierre Daniel

FESTA DE PAI AMÉRICO — Começámos com o acto penitencial, como de costume, para verdadeiramente meditarmos os ensinamentos daquele que, para nós, é um santo.

Pai Américo esteve connosco nos dias anteriores à celebração da Festa da Obra da Rua, na nossa oração comunitária. Foi o tempo em que este ramo da magna árvore da Obra, a Casa do Gaiato, acolheu os seus como uma verdadeira família.

Durante estes dias, Pai Américo falou-nos, à mente e ao coração a partir do seu belíssimo livro, *O Cantinho dos Rapazes*; de temas bastante pertinentes como: a liberdade, o estudo, a oração, o roubo.

Oxalá Pai Américo continue sempre nos nossos pensamentos, não só nesta data e que cada um de nós consiga pôr em prática os seus ensinamentos. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

FÉRIAS NA PRAIA — Os Rapazes mais pequenos passaram umas boas férias, na Praia de Mira. De manhã, após o pequeno-almoço e as obrigações, iam para a praia com os Professores Paulo e Paula, onde brincavam na areia e depois tomavam uns bons banhos. De tarde, dormiam a sesta, merendavam e voltavam à praia, para evitar as horas de maior calor. O Terço era às 19.30h e rezámos a Missa no Oratório da nossa Casa. O turno correu mesmo bem, pois todos colaboraram. Regressaram a 30 de Julho com bom aspecto e alegres! Aos nossos amigos que estiveram connosco, o nosso bem haja! Nesse dia, seguiu o segundo turno, dos Rapazes mais crescidos, com o Feliciano e o José Fagundo.

RAPAZES EM COIMBRA — O Rui concluiu o 12.º ano do Curso de Restaurante/Bar, na Escola Secundária D. Duarte, Coimbra, e irá trabalhar para a sua zona. O Leandro terminou o 12.º ano do Curso de Multimédia, na Escola Secundária José Falcão, Coimbra, e candidatou-se a um Curso de Especialização Tecnológica. O André encontra-se a trabalhar numa oficina, em Coimbra.

AGROPECUÁRIA — Não podemos deixar de cultivar as nossas terras, mesmo em tempo de férias. Têm-se regado as culturas do feijão, da batata e do milho, que estão crescidas. Sulfataram-se as latadas das uvas de mesa. Limpam-se as ervas dos laranjais, a poente. Apanhou-se a milharada, cortada, no lameiro e pôs-se a secar na terra dos grilos. Cortaram-se os rebentos das oliveiras neste terreno e no olival dos poços. Têm-se tirado as infestantes dos jardins com relva. □

RETALHO DE VIDA

Fausto

QUANDO tinha 4 anos, faleceu a minha mãe e, como o meu pai estava doente, a minha tia levou-me com ela, pois era monja. Durante alguns meses vivi no convento, mas, por fim, levaram-me para a Casa do Gaiato.

Gosto muito dos nossos Padres... Recordo-me quando o Padre Rafael veio, a primeira vez em 2006, com o Sérgio e a Irene, e como brincava connosco e nos fazia rir a todos os «Batatinhas». O Padre Telmo gosta que eu lhe conte histórias e sempre nos dá bons conselhos. Com o Padre Quim, gosto de falar de futebol e colaborar nos trabalhos.

Na Casa do Gaiato aprendi muitas coisas: a estudar e trabalhar, jogar, contar histórias. Zé Gaúcho é o meu melhor amigo, porque me ajudou em momentos difíceis. Também o Orlando, porque ele gosta muito de falar de futebol e fazíamos jogadores com telhas partidas. Agora, estou, desde Maio, no Lar do Gaiato em Luanda, onde estão os gaiatos que estudam na Universidade. Eles brincam muito comigo, sobretudo o Inácio e o «Careca», que me dizem que sou o mais velho do Lar e eu respondo-lhes que um tem pernas de cegonhas e o outro de *moflete* e rimo-nos todos.

Estes dias estão a custar-me muito, pois tenho de ir a Portugal para tratar a minha doença. □

MOÇAMBIQUE

Américo Lucas Torres

Terminamos o segundo trimestre e tivemos quinze dias de actividades diferentes. Alguns aproveitam para tratar documentos que tinham em falta, outros para revisar o material e todos estivemos empenhados nos trabalhos da nossa Casa.

Um grupo de professores da Universidade São Tomás esteve de visita à nossa Casa. Agradecemos muito o frango, os sumos, os bolos e a alegria que vieram partilhar connosco.

O nosso muito obrigado à *Nestlé* que nos ofereceu papas de cereais e leite — que têm garantido o nosso pequeno-almoço, todos os dias.

Temos tido muitos problemas com a água, que garantia o regadio dos 60 hectares que cultivamos; já não a temos desde o ano passado, e a pouca água dos furos corre sério risco de falta, pois este ano as chuvas foram muito escassas.



Que alegria ver os nossos cabritinhos — agora é altura dos nascimentos. Temos que tratá-los com

muito cuidado e carinho, são bichos que dá vontade de trazê-los para Casa. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

DIA DE PAI AMÉRICO — Comemorou-se mais um encontro dos antigos gaiatos no dia de Pai Américo, Domingo, 22 de Julho, apesar de o dia exacto ter sido na segunda-feira, 16 de Julho (dia do Nascimento de Pai Américo para o Céu), perfazem agora 56 anos. O programa delineado para este dia, começou bem cedo, com a assembleia-geral da Associação dos Antigos Gaiatos, para prestação de Contas e eleição dos Órgãos Sociais para o biénio 2012/14. Tal como no biénio anterior, não se apresentaram listas para a Direcção da Associação, mantendo-se a anterior em funções, por vontade expressa dos associados, até que apareça sangue novo com novos projectos e novas ideias para que a Associação se mantenha viva e actuante junto dos antigos gaiatos que se queiram associar a ela.

Antes da Missa, houve uma singela romagem à nossa Capela, ao túmulo de Pai Américo, com a deposição de flores, tendo sido lembrado, também,

o nosso querido Padre Carlos, falecido o ano passado.

A Missa foi celebrada pelo nosso Padre Júlio coadjuvado pelo nosso Padre Telmo. Seguiu-se o almoço partilhado com todos os gaiatos, ao ar livre, aproveitando a sombra junto da casa 3. O café foi servido nas novas e funcionais instalações do bar.

A tarde foi de convívio, tanto desportivo como musical, abrihantado pela tocata da Associação capitaneada pelo Miguel. Houve, ainda, tempo para um mergulho refrescante na piscina, antes da despedida com um saboroso caldo verde acompanhado pelas sobremesas sobranças do almoço.

O objectivo principal deste encontro é reunir a Família Gaiata em torno de um objectivo comum: fazer de cada rapaz um Homem.

Marcante neste dia, foi o ambiente familiar a imperar, em que a partilha e a sã convivência entre todos nos fez sentir que com união, todos os esforços valem a pena e a Associa-

ção continue no bom caminho, para ser um ponto de encontro dos antigos gaiatos, afinal um dos grandes objectivos para que foi criada em espírito solidário.

SEDE — No mês de Agosto, a sede da associação encontra-se encerrada, mas não quer dizer que a associação “meta férias” pois estamos sempre disponíveis para quem nos quiser visitar, basta avisar.

PEDIDO — A nossa sede ficou sem televisão e um pouco mais silenciosa. Queremos que a nossa sala de convívio da sede da Associação volte a ter a televisão a funcionar. Para isso necessitamos daquele aparelho TDT, para captar o sinal de TV. Sabemos que os tempos são difíceis para todos, embora não seja um aparelho de primeira necessidade, atrevemo-nos a apelar ao espírito generoso dos nossos amigos e benfeitores para a sua oferta. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A PARTILHA É DIFÍCIL, MAS É PRECISA — Depois de um mês em que outros afazeres nos impediram de manter a regularidade destas crónicas, estamos de volta.

Do trabalho que vamos fazendo na nossa Conferência não surgiu nenhum facto novo digno de nota especial, a não ser o convívio que anualmente organizamos para as pessoas idosas e doentes. Este ano a iniciativa foi enquadrada numa das missas da Paróquia, seguida de almoço. Resultou muito bem e será para continuar assim nos próximos anos.

Entretanto, vão-nos chegando apelos à partilha por parte doutros espaços da actividade vicentina a que temos respondido.

Alargando, agora, esta nota a toda a área da acção social, umas

vezes por erros internos, outras vezes pelas dificuldades próprias desta actividade que não é facilmente geradora de receitas e para a qual faltam pessoas com os requisitos necessários (verdadeiro sentido de serviço ao próximo), vamos encontrando por aí cada vez mais situações onde as organizações que cuidam da acção social estão em situações muito difíceis.

Nalguns casos, isso tem que passar pelo afastamento de pessoas que estão nessas organizações por outros motivos que não o serviço ao próximo, ou que não souberam fazer isto como deve ser, levando as organizações para becos sem saída. Noutros casos, é a prática da partilha que está a faltar a vários níveis: entre as organizações que estão na acção

social e entre a comunidade envolvente e essas organizações.

Incentivar e organizar estas várias formas de partilha, com transparência e eficácia no combate à pobreza e à exclusão social, é difícil, mas é necessário. Não se vislumbram melhores caminhos do que estes para manter vivas e de boa saúde organizações sem as quais este País estaria numa situação social insustentável.

Os nossos contactos:
Conferência de Paço de Sousa,
A/C Jornal O Gaiato,
4560-373 Paço de Sousa.
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt
Telem.: 965464058 □

Tiragem média d'O GAIATO,
por edição, no mês de Julho,
43.450 exemplares

MALANJE

Padre Rafael

HOJE recebemos a visita de um grupo de médicos cubanos que trabalham em Malanje. Convidamo-los a comer connosco, pois são muitas as vezes que nos atendem com muito carinho, quando precisamos para algum dos nossos rapazes.

Decidimos matar um porco para comemorar e levá-los a comer no nosso refeitório. Alguns dos nossos rapazes conheciam-nos, pois haviam sido tratados por eles. Outros, explicavam-lhes alguns problemas de saúde que tinham. Foi um encontro cativante, cheio de sensibilidade e carinho.

Terminámos com os nossos «Batatinhas» a cantar as suas canções, acompanhados de uma viola. Entretanto, alguns passeavam pelas nossas hortas; outros, foram ver os bois que pastavam na Carianga. Tudo em ambiente de família, como não pode deixar de ser na Casa do Gaiato.

Um dia para ser recordado e que nos faz crer, uma vez mais, que é possível fazer de cada canto do mundo um pequeno céu. Certamente não veremos um mundo novo, mas podemos sentir o seu bater em cada acontecimento.

Aprender é a tarefa mais árdua do ser humano, porque é reconhecer, no fim de contas, que não sabemos nada.

A coisas complicam-se. Ainda não recebemos, no momento em que escrevo, o passaporte do Fausto. Tudo está paralisado e tivemos de suspender o voo para

o Porto. O mais importante é não perder a esperança e continuar a insistir.

Durante a semana passada, recebemos a visita do Mário e do João. O segundo, irmão do Catete e o primeiro, seu cunhado. Parece que o Mário é Engenheiro Informático e vai preparar-nos um programa para a gestão da nossa Casa.

Durante a sua estada, aqui, ficou impressionado e está estudando a possibilidade de abrir um centro de formação informática na Casa do Gaiato.

Na represa, que tantas dores de cabeça nos tem dado durante tanto

tempo, porque se estava a converter num centro de consumo de álcool e violência, vamos iniciar um projecto de criação de peixes.

Por um lado, vamos evitar todo esse trânsito de pessoas e, por outro lado, vamos receber peixe para o consumo dos nossos rapazes.

Durante estes dias, estamos a desfrutar de maravilhosas saladas de tomate, ao jantar, saídos da horta que o nosso Manuel «Barrigas» preparou. Só Deus sabe com que sacrifício se arranca qualquer coisa a esta terra que, para além de solos pobres, exigem um cuidado especial com as regas. □

SINAIS

Padre Telmo

NO dia 16 de Julho celebrámos a festa de Pai Américo. Foi reunião festiva dos gaiatos novos e veteranos. Pela manhã assisti, surpreso, na Capela, à chegada de muitos mais velhos com um cravo branco na mão que foram colocar, com devoção, na campa de Pai Américo. A brancura dos cravos, seu perfume e o gesto singelo e comovente! Em pouco tempo contei cinquenta.

No fim da manhã, a Santa Missa. Padre Júlio falou-nos da nossa responsabilidade como filhos da Obra. O Almoço, em comunhão fraterna, foi na sombra acolhedora das tílias frondosas.

O gesto dos gaiatos, os cravos brancos e a nossa Obra, acenderam em mim a meditação sobre a urgência de todos nós acendermos as pegadas de Pai Américo. Os da sua idade, já morreram. Os novos, não o conhecem.

Urgente o ir, de novo, à rua, aos cinemas e às igrejas.

Dar vida e limpar o pó das suas passadas. O nosso jornal O GAIATO vai ter a portas esquecidas; a becos onde os moradores já morreram.

Nós, os padres e obreiros, já não somos o feixe de vimes que o velhinho deu aos filhos para partirem...

De facto, é muito urgente acendermos as pegadas do nosso Pai Américo. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

corajosa. Há dias disse-nos, com alegria, que tinha arranjado trabalho num Hospital.

Mais outra se seguiu.

A mãe do benjamin e do Úmaro veio visitá-los. E já os poderá afagar alguns dias consigo, pois vai dando umas horas na limpeza do Metro. Como na cédula o pequenino é *filho de pai económico*, transmitiu esta vitória, com direito a medalha de ouro nas olimpíadas da vida: — *Sofri muito com a gravidez; mas, o Aliú nasceu e já conseguí convencer o pai a dar o nome dele, na certidão.*

É indecoroso tirar proveito de situações de crise, enquanto há



muita gente com fome e sem cuidados básicos. Não nos podemos deixar submergir no mar encapelado, mas mergulhar nas águas mansas

da esperança. O horizonte é largo, para nos fazermos também ao mar onde o Mestre nos chama para o seu barco seguro. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Para todo este trabalho, pedimos três orçamentos. Depois de os analisarmos, optamos por aquele que julgamos mais correcto e mais justo para que a habitação e dependência se tornasse um espaço digno para estes seres humanos que vivem na imundice moral e habitacional.

O orçamento é muito elevado. É um risco que corremos, mas acreditamos que a vitória seja o troféu que ergueremos bem alto, com o objectivo de acordar consciências

adormecidas, e nos afirmarmos como mensageiros do Verdadeiro Amor.

Os custos serão aproximadamente de 23 mil euros. Sei que é muito, mas contamos com a generosidade das almas boas que ainda sustentam o céu, não o deixando desabar sobre a terra.

Tenho lido os seus artigos no Gaiato. (...) Precisamos de muitos que lhe sigam os passos.»

Confiar na Providência é sempre um risco. Daí o seu valor. A gente não vê de onde vem o dinheiro, mas, se nós dermos quanto for pos-

sível, dentro dos razoáveis limites, os valores aparecerão sempre. É o que diz a Bíblia em centenas de passagens, que tantos cristãos lêem sem entender, julgando esses episódios bíblicos como mera manifestação de poesia ou lirismo.

Ainda agora, nos passou pelos olhos, a ordem do profeta Eliseu ao seu servo prudente e comedido. Vinte pães, (naturalmente eram pãezinhos). Que é isso para mais de cem pessoas? Eliseu insistiu: «Dá-os a comer a essa gente, porque assim fala o Senhor: Comerão e ainda há-de sobrar.»

É a forma eficaz e convincente para nos afirmarmos como mensageiros do Verdadeiro Amor, celebrando assim o Ano da Fé. □

DOUTRINA

Pai Américo



A viela é uma instituição nacional

LIGO tanta importância à matéria desta nota, que faço dela o chamado artigo de fundo.

Ela é uma dor que eu trago no peito. As suas palavras são de sangue. Quero referir-me à Viela.

De lá têm vindo para as nossas Casas as crianças mais amorosas que cá temos; e temo-las em todas as Casas. Digo amorosas porque têm sido, e são, o objecto das súplicas mais ardentes por parte de quem as procurar salvar. Algumas dessas súplicas são das próprias mães que as deram à luz e vivem ali, na Viela, algemadas! Daqui se infere qual o selo da desgraça que estas crianças trazem e com que angústias não dou eu publicidade ao que merece silêncio e só no silêncio se pode chorar. Mas eu quero falar. Eu tenho de falar em nome do Senhor. A outra face da medalha é mais denegrida. Nem eu poderia jamais escrevê-la se não fosse de sangue a tinta com que o faço: o meu sangue; o teu sangue. Esta é a dor imensa que eu trago no meu peito. E tenho de a sofrer. É a Viela. Os nossos rapazes, meus filhos, correm perigo constante de voltar; e alguns têm efectivamente voltado ao vômito. Eu quero ser entendido nas entrelinhas e tenho para mim que neste pouco que digo, todos hão-de compreender o muito em que se não pode falar.

A Viela, meus senhores, fica ali mesmo à mão de semear. Sai-se da estação do caminho de ferro, andam-se dois passos em frente e logo por detrás da rua principal, fica ela situada. Nada que a distinga das outras ruas a não ser a constante permanência de um agente da autoridade. A Viela é uma instituição nacional. São ali muitas as casas e todas de porta aberta. Um que vá em serviço à cidade, depois de ter aviado todos os seus recados, pode aviar mais um com espantosa facilidade... E que não tenha medo! Que aproveite! A ordem está superiormente assegurada.

NÃO há ninguém no mundo que tenha o poder de transformar a natureza das coisas. O homem é o que é. A Viela nasce com ele. Mas ele, homem, por um milagre da Graça, pode fugir dela. Pode evitá-la. Pode, até, aborrecê-la. Para isso, muito concorre o leite das mães. Porém, esta classe de rapazes, não sabe o que isso é. Mesmo a classe dos bem nascidos, com outra preparação para conhecer os perigos, também esses caem nelas pela criminosa facilidade da porta aberta. E daqui nasce que, com o rótulo de salvação pública, se degrada a dignidade humana: as nossas mães, as nossas irmãs; a tua noiva!

É péssima a corrupção do óptimo. Eu acredito no dogma do pecado original, mas repudio com toda a força da minha alma a necessidade da Viela. Por causa dela morreram as antigas civilizações grega e romana, sem darem fé do seu mal, que é a pior das mortes. Porém, Jesus Nazareno reformou a Humanidade e dá a cada um possibilidades divinas.

EU tenho de denunciar, falar alto nesta nota da quinzena. Assim o pedem os olhares de todos quantos de longe espreitam esta Obra e a querem fazer sua. É um pedido de abolição. Fechar as casas. Mudar o nome das ruas aonde elas dantes eram. Dificultar. Tirar os perigos dos olhos de quem passa.

ORA isto é matéria de uma panada forte e discreta. O decreto que vier, não precisa de palavras. Todas quantas se disserem seriam para nossa humilhação. O nosso espírito dá-nos testemunho. Tu sabes... Eu sei... Maior a culpa de todos. Um decreto de um só verbo: abolir.

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ANDAR a pensar num assunto e as voltas da vida a levar-nos para outro é o que por aqui acontece no dia a dia. A vida não é como a gente a quer, mas como os outros no-la fazem ser. Se em política assim fosse, sairia tudo ao contrário aos que a fazem. Os problemas dos grandes esmagam os dos mais pequenos e é dos inúmeros problemas pequenos que nascem os grandes, sem eles se aperceberem disso.

Foram três irmãos os que recebemos nos primeiros dias, vai para vinte e um anos. Andavam na rua, como a mãe. Esta, enquanto pôde com o mais novo às costas, recolhia garrafas vazias e com a venda comprava dia a dia o que podia, para alimentar a fome. Os outros, à porta do bazar a pedir ou a oferecer-se para levar as compras a quem saía. Foi lá que os conhecemos. E de lá vieram com o consentimento dela. Chegou a vir à Massaca para conhecer onde estavam. Houve um certo desencontro, porque não eram filhos do mesmo pai, mas isso para ela não contava. Será que para Deus isso conta, quando se manifesta como uma Mãe que quer acolher sempre os filhos, mesmo transviados? Eles cresceram e perdemos

o contacto com ela. Eles não, mas também nunca nos deram conta disso. Percebemo-lo agora, quando o filho Telmo, acabado o curso de Medicina Dentária, lá longe a dois mil quilómetros, em Nampula, passou por cá, para o festejarmos, mas logo regressou à palhota onde a mãe vivia, na mesma lida de sobrevivência em que a conhecemos.

Pelo telefone, chega, no fim de semana, uma mensagem do António, à mãe desta Casa: «Perdi a minha mãe esta manhã, o Milagre já seguiu para Maputo». Este Milagre é o mais novo, o que ainda não apertou os parafusos das rodas e de vez em quando derrapa e sai do caminho. Ultimamente estava junto dele, como aliás esteve outras vezes, porque cá pela terra, não se equilibrava. O António é Técnico de Medicina, responsável dum hospital rural, muito querido e polivalente e dali não o deixam sair, para concluir o curso de medicina. Foi dos primeiros a atingir esse grau e deles o mais maduro e empenhado. Sempre em contacto conosco. Foi o Telmo que telefonou ao irmão mais velho e este por sua vez mandou a mensagem.

Procurámos dele o que aconte-

ceu: a mãe saía de manhã e só voltava à noite. Por vezes ficava por lá uma noite sem vir a casa. Saiu, não voltou naquela noite, nem na seguinte. O Telmo preocupado saíu por todo o lado que era o seu caminho, a saber dela. Ninguém soube dizer. Foi à morgue do Hospital Central e lá a descobriu. Deu notícia ao António que logo manda o mais novo e só nesta quarta-feira ele poderá estar, para fazerem o funeral da Mãe. Não podemos deixar de acompanhá-los. Eles merecem e ela muito mais. Nunca veio pedir qualquer ajuda para a sua triste vida de aproveitadora de garrafas de quem de noite anda noutra vida pelos bares e joga fora a garrafa. Os pais deles aproveitaram-se dela e jogaram fora os filhos que lhes não interessavam. Ela a sobreviver das garrafas e a pensar neles. Mesmo quando o filho quis ficar junto dela, não quis deixar o pouco que as garrafas lhe davam para levar alguma coisa para casa. As garrafas e os seus filhos. Mãe é sempre mãe! Quantas delas um ser à parte neste mundo, onde os homens são incapazes de as respeitar. Para nós, uma riqueza sublime e importantes na educação destes filhos de Moçambique. Por Deus benditas e abençoadas, para serem o elo puro de ligação que nunca se quebra. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Multiplicação do pão

ESTOU a escrever-vos à luz brilhante da multiplicação dos pães que mataram a fome a milhares de pessoas. O mundo novo nasce, quando as pessoas instauram relações de partilha dos próprios bens, dentro das possibilidades ao seu alcance. Quem dera! O gesto generoso dum homem ou duma mulher que oferece do fruto do seu trabalho a quem precisa é, hoje, o caminho a seguir para resolver os problemas da fome no mundo. Parece impossível, mas é o princípio certo. Sem esforço e colaboração reina a miséria. É uma causa válida que deve ser assumida pelos indivíduos e pelas empresas. Na medida em que os empresários, de qualquer tipo de instituição, abrirem as suas portas à dimensão social dos mais carenciados, mais firmes serão os alicerces das suas empresas. Que os corações não se fechem às necessidades urgentes de atendimento! Só podes dar cinco pães? Estou a referir-me à passagem evangélica da multiplicação dos pães. Contemplemos a maravilha operada. Cinco mil homens, não contando as mulheres e as crianças, foram saciadas. É um “sinal” que necessita de ser bem interpretado. A mensagem é dum alcance universal, a começar pelos que vivem à porta da nossa vida. É a partir do gesto generoso de cada um de nós. Experimentamos esta verdade na nossa própria vida.

Algumas cartas amigas dão testemunho: «Sendo assinante do jornal O GAIATO e lendo vossas notícias, trabalhos e dificuldades, junto vos envio este cheque, cujo montante tão pequeno vos vá ajudar. Diariamente vos lembramos e vos entregamos à vontade do Senhor, porque sois missionários do Bem: criar é Amor». Esta mensagem encheu-nos de alegria, juntamente com outra, do mesmo género: «Já há alguns meses que leio O GAIATO e tenho verificado que a Casa do Gaiato de Benguela também faz um trabalho formativo notável, o que, naturalmente, agrada a Deus. Por este motivo e para ajudar as vossas despesas, envio-vos um cheque». Como seria possível a nossa vida sem a vossa colaboração? Esta é a resposta do vosso coração à mensagem evangélica dos cinco pães e dois peixes, com os quais se mata a fome de muitas pessoas e são resolvidos outros problemas. Quem acredita, de verdade, é capaz de amar, enquanto viver. Não queremos outro caminho para nós e para vós.

O mês de Julho chegou ao fim. Dentro de três dias, como é habitual, mais duma centena de pais e mães vêm buscar o pão para se alimentarem, juntamente com os seus filhos. Não têm outra forma de viver. Jesus não virou as costas à multidão que O procurava, sem comida. Não mandou embora aquela gente, sem lhe matar a fome. Soube que um rapazito tinha cinco pães e dois peixes, ali perto. É interessante e com muito significado o facto de ter sido um pequeno. As crianças, naquele tempo e ambiente, eram seres sem importância social. É precisamente dos pobres que vem o pão para matar a fome daquela gente. Quer dizer: Só os corações pobres, humildes, livres, generosos, estão dispostos a dar do que possuem. Os ricos, escravos dos seus bens, só pensam em si mesmos. Ai de nós! Os que têm um coração pobre, cheio de amor, fazem da sua riqueza o património dos que mais necessitam, também. Quem dera seja o pensamento dos que possuem bens: Pôr e tirar, para repartir. É um ideal que atrai muitos corações. Em Angola, concretamente, é cada vez mais necessário que os filhos desta Mãe Terra tenham todos lugar à mesa. Que não haja filhos a comer as migalhas que caem da mesa dos ricos! É necessário avançar com a mensagem da justiça social que tem a sua alma no amor.

Há dias, encontrei uma menina, já mãe de dois filhos, com o mais pequenino ao colo. O primeiro nasceu, quando a mãe tinha 17 anos. Como é natural, perguntei pelo pai. A resposta foi imediata: Fugiu para Luanda para não ter a responsabilidade das crianças. Pobres filhos! Vítimas inocentes, com a porta aberta para serem filhos da rua! É urgente a intervenção das autoridades e doutras forças civis. Numa reunião do grupo das forças vivas da comunidade vizinha, lembramos a necessidade de acudir a esta situação alarmante, com o trabalho da formação humana e cristã, em primeiro lugar. Continuamos a esperar.

Antes de terminar, deixo também a nossa gratidão à Elisa Lopes, pelo envio do seu cheque de mil euros, «na esperança de que possa ajudar um pouquinho nalguma aflição». São tantas! Quando poderei fazer a recuperação das casas de habitação dos rapazes?! □

PENSAMENTO

Pai Américo

Quem pode dizer o que O GAIATO diz às almas?! Eu não. E mais uma grande parte do seu espaço é coberto pela minha letra! Eu sei o que digo; eu sei o que escrevo, mas não sei como ele fala aos que o esperam quinzenalmente. É um mistério!...

in Doutrina, 2.º Vol.

SETÚBAL

Padre Acílio

Praia

Está a terminar o primeiro turno da praia. Durante o mês de Julho, gozaram férias na nossa Casa da Arrábida, os mais pequeninos, conduzidos e amparados por três rapazes maiores: O Patrício — chefe-maioral —, o Ivanoel e o Ussumani. Os três grandes mantiveram a estrutura da cozinha, da copa e do acompanhamento para a praia, vigiados pelo olhar atento da mãe Isaura.

AD. Celeste, de Castelo Branco, assegurou a responsabilidade da cozinha nos primeiros quinze dias, sendo rendida uma semana, por um casal setubalense que também nos quis dar algum tempo de férias. Ela é nossa catequista e, ao longo do ano, todas as quartas-feiras, tira umas horas do seu dia e dá-se aos gaiatos, comunicando a fé. Sentindo como era preciosa a sua presença e trabalho, no meio deste grupo de rapazes, lá vieram eles, generosa, discreta e pacificamente, partilhar as suas férias com os gaiatos. Gente que já criou filhos e não precisa de grandes lições para conduzir os pequenos à mesa e na praia.

No mês de Agosto, estes virão para casa e terão de regar os pomaes, escolher a fruta e os legumes que vêm do Jumbo, além das obrigações ordinárias do dia-a-dia, como varrer os corredores, limpar o jardim, ajudar na cozinha, pôr a mesa e lavar a loiça.

A rotina anual repete-se, mas é nela que se formam os homens.



Música

O mês de Julho foi o mês da música. Comandados pelo professor José Manuel, os rapazes que aprendem instrumentos, tiveram meios dias e, alguns, em certas semanas, os dias inteiros, de volta do solfejo, da teoria e da prática musical.

É muito agradável ouvir as trompas, o bombardino, os trombones, a tuba, os clarinetes, as trompetes e os saxofones, etc... a emitir os sons característicos, aqui e além, nas diversas salas de música.

Surge dentro de mim um prazer indizível quando ouço os rapazes, agarrados, cada qual ao seu utensílio, a emitir sons e a fazer o seu próprio concerto. Eles deliram, eu deixo-me arrastar pelo seu entusiasmo. Gosto muito de me embalar nestas inexperientes toadas.

O professor veio advertir-me que um mês sem instrumento é um período longo de mais, sem tocar, e a boca perde alguns bons hábitos. Dou razão ao mestre e, naturalmente, alguns dias durante o mês de Agosto, os músicos,

virão a casa, matar saudades dos seus instrumentos.

Feira de Santiago

A insistência do Arlindo, levou-me a consentir que ocupasse, na Feira de Santiago de Setúbal, um pequeno pavilhão onde se exibisse o nome da Casa do Gaiato e se manifestasse a nossa originalidade.

Levou livros, jornais, o nosso filme e alguns aperitivos para adoçar a boca aos que se aproximarem de nós, para saber algo do muito genuíno que encerra a Casa do Gaiato.

A Feira, este ano, tornou-se mais um parque de diversões do que outra coisa. Não tem sido muito visitado o nosso pavilhão. A maioria das pessoas passa ao largo e nada os atrai.

É natural que este trabalho de conquista da antiga e generalizada simpatia tem de se fazer com persistência e sem desânimo. A nossa presença na feira é, antes de tudo, o rosto de Deus num ambiente barulhento e mundano. □